

A CRUZ ENCOBRE A ESPADA

Luiz Renato de Souza Pinto (UNESP)¹

Resumo: Delimitar o papel da mulher na obra de José de Mesquita foi uma experiência surpreendente. Social e racialmente falando, temos dois perfis definidos que, erigidos à época do governo Dom Aquino Corrêa, atravessaram a primeira metade do século XX. Transcendendo as questões de gênero, procuramos demonstrar seu papel durante a gestação do Estado Novo, na criação de entidades filantrópicas, nas irmandades católicas, bem como em toda a amplitude social e cultural, a exemplo do Grêmio Júlia Lopes e seu estandarte: a revista **Violeta**. Mesquita buscou eternizar, através do fazer literário, uma parte das tradições culturais do tempo de antanho. Quer seja nos apresentando as cavalhadas, os tempos da cadeirinha e os costumes coloniais e imperiais, esse republicano tratou as mulheres como um verdadeiro homem de seu tempo: como mãe, beata e professora.

Palavras-chave: Literatura - Mulher - Sociedade

Abstract: Delimiting the representation of women in José de Mesquita's work was a surprising experience. Socially and racially speaking, there were two definite profiles that – erected at the time of Dom Aquino Corrêa's government – crossed the first half of 20th century. Transcending the genres issues, we seek to demonstrate the female role during the birth of Estado Novo, the creation philanthropic entities, catholic sisterhoods, as well as in all social and cultural amplitude – Julia Lopes's society and its **Violeta** magazine being a good example of it. Mesquita tried to make eternal a part of past cultural traditions. In his work, the author presented the cavalhadas – hord races -, the periods of cadeirinhas – the small chairs slaves had to use to carry their masters -, and the colonial customs, among other aspects. In each of the aspects, this republican has treated women as any typical man of his time would have – a mother, a pious person and a teacher.

Key-Words: Literature - Women - Society

Ao embarcar para São Paulo, onde foi cursar a faculdade de direito do Largo de São Francisco, em 1909, José de Mesquita iniciava um ciclo vitorioso de sua história e que engrandeceria em muito a historiografia e literatura mato-grossenses. Os vinte primeiros anos da instalação da incipiente república velha já haviam produzido um clima de tensão e choque cultural no país, captados pela ótica de muitos intelectuais brasileiros sob a luz da *belle époque* tupiniquim (SEVCENKO, 1983). O Largo de São Francisco que sediava a faculdade desde o ano de 1828 fora palco de muitas discussões e processos revolucionários e viu passar um infindável número de pessoas que marcariam presença na história da república federativa do Brasil.

A inauguração da Academia do Largo de São Francisco aconteceu em 1º de março de 1828, um pouco antes da pernambucana e instalou-se de início no convento de São Francisco, em consonância com os frades franciscanos, com os quais caminharam juntos até a demolição do antigo prédio em 1930. Nove presidentes da república passaram pelas arcádias de São Francisco tornando-se pessoas notáveis da política nacional: Prudente de Moraes, Campos Salles, Afonso Pena, Rodrigues Alves, Delfim Moreira, Wenceslau Brás, Artur Bernardes, Whashington Luís e Jânio Quadros. Além destes, doze outros foram governadores do estado de São Paulo, além de muitos parlamentares, juristas e jornalistas da mais alta expressão, quer seja no mundo jurídico, político ou no das letras.

¹ Doutorando do programa de Pós-Graduação em Letras (UNESP), Mestre em História e graduado em Letras pela UFMT, Câmpus de Cuiabá – MT.

Sendo um espaço tradicionalmente masculino, a faculdade de direito do Largo de São Francisco formou a primeira mulher advogada no ano de 1902, Maria Augusta Saraiva, e aos poucos foi tornando-se o principal centro cultural, social e cívico do país, servindo como laboratório para jornais e revistas voltados à causa republicana, como o **Farol paulistano** e o **Correio paulistano**.

José de Mesquita sempre esteve ligado à criação de entidades de caráter associativo, o que muito provavelmente contribuiu para o convívio harmonioso com a sociedade cuiabana e mato-grossense. Ligado ao Instituto Histórico de Mato Grosso e ao Centro de Letras Mato-grossenses, órgão anterior à Academia de Letras do estado, esteve na vanguarda dos acontecimentos culturais das primeiras décadas do século XX, como representante da cultura oficial. José de Mesquita relembra os antecedentes da criação da Academia trazendo informações sobre outras agremiações que aglutinaram pensadores como Emiliano Ângelo de Oliveira Pinto, Antonio Pedrosa Pompeu de Barros e Francisco Corrêa da Costa Sobrinho, criadores da *Associação Literária Cuyabana*, que tem seus primeiros registros de despesas e receita datados de 10/11/1881.

O Centro Mato-grossense de Letras, por sua vez, é criado a 22/05/1921, comandado por José de Mesquita, João Barbosa de Faria e Lamartine Ferreira Mendes, em reunião à casa de Mesquita. A tese é construída de maneira didática, preocupação do autor em demonstrar a utilidade da criação da Academia, como também dotá-la de meios para promover o desenvolvimento de suas atividades, que poderiam ser otimizadas com a criação de uma Federação; fato que fortaleceria a política integracionista a fim de romper com o isolacionismo cultural de Mato Grosso.

A criação da Federação das Academias, obra de articulação intensa, em 1936, é representativa desse processo. Participando de mais de cem instituições nacionais e internacionais como colaborador, foi no ano de 1939, quando passa a integrar o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro como correspondente, que experimenta o êxito profissional e literário, numa década em que esteve à frente do Tribunal de Justiça de Mato Grosso (por dez anos), atividade que contribuiu para uma extensa correspondência nacional e internacional.

Entre 1930 e 1940, atuando como Desembargador e presidente do Tribunal de Justiça do estado de Mato Grosso, Mesquita teve a oportunidade de se destacar na atribuição de suas funções e utilizar o trânsito oficial para colocar em evidência seus dotes literários. Observando sua contribuição para a **Revista de cultura** do Rio de Janeiro, no período de 05/02/1928 (a partir do fascículo 14), até 05/04/1939 (fascículo 148), contabilizamos 41 inserções de sua autoria, entre sonetos, contos, discursos, crítica literária, novela e conferências, sendo um dos maiores contribuidores da publicação. É bom lembrarmos que tal periódico estava sob a direção da Ação Católica, como também o jornal **A cruz**, que esteve sob a sua direção por 20 anos.

O que chama a atenção, em especial, é que o autor tem seus textos publicados no sumário de todas as edições sempre acompanhados do título de Desembargador, como muitos de seus confrades, o que reforça a importância que se dava à magistratura como sinônimo de poder e tráfico de influência para se determinar a importância histórica e cultural de tal titulação. Suas obras publicadas na revista eram reproduções anteriormente veiculadas nas revistas da Academia Mato-grossense de Letras, como também de seu predecessor, o Centro de Letras, as quais, enviadas para o Brasil e exterior, serviam como um arquivo vivo do autor para participação em antologias as mais diversas. Para se ter uma idéia do volume de textos publicados, basta dizer que no mesmo período Dom Aquino Correa teve apenas onze textos publicados, contra os quarenta e um de José de Mesquita. Somente no fascículo 16, de 05/04/1928, Mesquita tem onze sonetos publicados, o mesmo número de textos de Dom Aquino, em toda a história da revista.

2.1. Os aneis do bispado

Os anos de 1918 a 1922 foram de aparente calma no cenário mato-grossense. A indicação de um jovem padre, com doutorado em Teologia em Roma, extenso currículo como professor e serviços prestados ao catolicismo, para a presidência do estado foi *sui generis*. Dom Aquino Corrêa, único mato-grossense a fazer parte da Academia Brasileira de Letras, até então, sobe ao poder com a finalidade maior de apaziguar os ânimos entre os coronéis. As brigas políticas violentas que atentavam contra a liberdade no estado precisavam de um remédio forte que diminuísse o seu poder.

Dom Aquino Corrêa inaugura uma fase de intensa agitação cultural sob a bandeira da religião e do civismo a fim de promover o desenvolvimento cultural (da elite) mato-grossense. Seu ideário católico/positivista irá refletir profundamente na formação de José de Mesquita, desde a mais tenra idade.

O jovem idealista que, chegando de São Paulo com seu diploma na mão, é obrigado a rever sua formação acadêmica de livre-pensador e aceitar a ascendência daquele que não só era seu líder espiritual e guia, mas também irmão mais velho, com quem se criou e em quem se espelhou ao trilhar o dogmático caminho da cristandade. O período vivenciado em São Paulo está relatado nas **Notas paulistas**, publicadas em **O Mato Grosso**, crônicas incipientes de quem, em início de carreira, já demonstrava gosto pelas letras. Sua formação católica, adquirida no Liceu São Gonçalo onde se bacharelou no ano de 1907, sob a batuta de D. Aquino, ressurgiu com a sua volta, em 1913, já como advogado formado na mais antiga faculdade de direito do país. O retorno à formação anterior foi conduzido por Dom Aquino Corrêa, líder espiritual, guru, irmão mais velho, cuja relação de parentesco reforçava certa liderança.²

O retorno de Mesquita a Mato Grosso o coloca em contato com um processo deliberado de violência. Onze anos antes, o assassinato do presidente do estado, Totó Paes, em 1902, encurralado por seus opositores na fábrica de pólvora³, já havia detonado um clima de hostilidade. Neste cenário é que Mesquita reencontra sua terra natal. Entendendo as transformações sociais ocorridas no Brasil no início do século XX, com todas as conturbações de ordem social, e, do ponto de vista cultural, a ruptura promovida pelo advento modernista, buscaremos enquadrar o pensamento de José de Mesquita numa órbita em que ora se encaixe no perfil proposto, ora aceite alguma variação, sem grandes mudanças, sem o que os modernos chamaram de ruptura com a tradição. 1922 – data do encerramento do governo de transição de D. Aquino Corrêa e da Semana de Arte Moderna, em pleno berço da tradição quatrocentona: o Teatro Municipal de São Paulo.

Nem todos os intelectuais, entre ficcionistas e historiadores, deixaram palavras apenas doces sobre José de Mesquita e a corte de Dom Aquino Corrêa. Muitos dos usos e costumes do período ficaram registrados em páginas satíricas publicadas em jornais da época, como nos traz à tona Rubens de Mendonça, filho do historiador Estevão de Mendonça. Algumas dessas

² Segundo informações contidas no Catálogo editado sob a supervisão da professora doutora Maria Adenir Peraro, contendo toda a documentação da Cúria Metropolitana de Cuiabá, o registro de união estável entre D. Maria de Cerqueira Mesquita, com o senhor Antonio Thomaz de Aquino Corrêa, ambos viúvos, ilustra bem o momento, senão vejamos: *Ele com 60 anos, natural de Goiás, morador há 44 anos em Cuiabá, ela com 31 anos [...] ambos viúvos e aqui residentes, achavam-se justos e contratados para se receberem em matrimônio não o podem fazer porquê há entre os oradores os seguintes impedimentos: o orador é padrinho de baptismo do único filho menor que tem a oradora, e são cunhados pois o orador foi casado com a falecida D. Anna de Cerqueira Corrêa, irmã mais velha da oradora.*

³ Local em que Totó Paes refugiou-se para aguardar a expedição Dantas Barreto, enviada pelo governo federal, que não chegou a tempo de evitar o massacre. Rodrigues Alves agiu tardiamente no episódio que custou a vida do presidente.

pérolas ficaram na história da imprensa cuiabana, como as *sátiras anônimas*, por um cuiabano, Indalécio Leite Proença, sobre as quais Mendonça (1978, p. 57) opina:

O trabalho de Indalécio tem algumas quadras boas. Nem todas são boas. Ele divide o folheto em quatro partes: Introdução, A Reforma do Tesouro, o Banquete Episcopal e Passeio na Chapada. Na primeira parte diz o poeta:

Se a Bahia é terra boa,
Mato Grosso inda é mio;
Pau rodado cria proa
Furta bem, enche o bocó.

Dom Benito já ta feito;
É sapão de três lagoa
A questão é só te jeito
Pois o resto vai à toa...

Decorrido algum tempinho,
Ele vai pra relação;
Salvo se no seu bentinho,
Não tive mais devoção.

Assembléia inté já fez
Lei pra ele e Barnabé;
Um conto de réis por mês,
Não pé mimo pra quarqué!

Adiante diz o poeta:

João Cunha já batizou
Todo os fio que ele tem;
Isác se riu, caçoou,
Mas vai imita também.
(MENDONÇA, 1978, p. 57)

Dom Benito é o Benito Esteves, juiz de direito de Três Lagoas, hoje Mato Grosso do Sul, então secretário do Interior, Justiça e Finanças no governo de Dom Aquino Corrêa, enquanto que Barnabé é o nosso Desembargador José de Mesquita, nomeado juiz de direito, no governo do bispo presidente. Pela leitura desse fragmento podemos perceber o quadro político da época, a reação dos chamados *livre-pensadores* ao governo católico de D. Francisco, a quem acusam, via Indalécio Proença, de nepotista, prevaricador e beneplácito com pessoas provenientes de outras plagas.

O texto demonstra criticar quem não fosse mato-grossense de nascimento ⁴, acusando irônica e satiricamente de enriquecimento ilícito (*furta bem, enche o bocó*), concentração de renda e poderes (*sapão de três lagoa*) – uma vez que se dirige a um super secretário de governo: interior, justiça e finanças, que provavelmente utilizaria o cargo como trampolim para assumir uma cadeira na Relação (o que seria hoje o Tribunal de Justiça de Mato Grosso), o apoio incontestado a quem fosse católico praticante (*salvo se no seu bentinho, não tive mais devoção*) e a criação de leis para beneficiar a pessoas próximas que receberiam uma ótima

⁴ Daí a característica marcante do migrante ser taxado de pau-rodado, por ser de outras regiões.

remuneração por serviços prestados (*Assembléia inté já fez / lei pra ele e Barnabé; um conto de réis por mês / não é mimo pra qualquer.*)

Não bastasse isso tudo, arremata o fragmento, como nos lembra Mendonça (1978, p.57), com uma quadra em que:

O poeta disse que, sendo Dom Aquino o bispo e presidente do estado, e João Cunha e o professor Isác Povoas membros da Liga dos Livre-pensadores, iam ambos batizar os filhos para caírem na graça do bispo-presidente.

2.2. Mãe, beata, professora.

A concepção de Mesquita sobre a mulher leia-se a mulher da sociedade cuiabana de então, começa a delinear-se em seu discurso inaugural da Liga das Senhoras Catholicas e União de Moças Catholicas, entidades que agrupavam moças e senhoras da elite cultural e econômica da capital, a vinte de setembro de 1925 no Asylo Santa Rita, a sua visão de mulher ideal, e que consiste em dizer que

Vós sois, exmas. Senhoras e graciosissimas senhorinhas cuyabanas, a mulher que encontra Deus, mesmo no tumulto da sociedade, que o vê, mesmo no entre chocar das paixões ambientes, que o traz presente mesmo no labirinto da vida hodierna, incomparavelmente mais intensa e complicada embora neste canto esquecido do universo, do que na Paris febricitante do grande século.⁵ (MESQUITA, 1926, p.6)

José de Mesquita busca colocar a mulher a par de sua vocação para as coisas do bem, alertando-as para os perigos da sociedade moderna, transformadora, comparando a estrutura social com suas armadilhas a um labirinto, mesmo na Cuiabá de cem anos atrás, em comparação com o velho mundo, personificado pela cidade-luz. A respeito dessa nova mulher que Mesquita pretensamente nos apresenta, já dizia Hobsbawm (2001, p.271) que

À primeira vista, pode parecer absurdo estudar a história de metade da raça humana de nossa época inscrevendo-a no contexto da história das classes médias ocidentais, um grupo relativamente pequeno mesmo no interior dos países de capitalismo “desenvolvido” ou em desenvolvimento. Contudo isto é legítimo, na medida em que os historiadores concentram sua atenção nas mudanças e transformações da condição feminina; a mais impressionante destas, “a emancipação feminina”, foi durante essa época, iniciada e mesma quase inteiramente restrita ao estrato médio e – em forma diferente – aos estratos superiores da sociedade estatisticamente menos significativos.⁶

Com o dom da retórica que o alçou a postos de destaque na sociedade de então, Mesquita buscou estreitar a relação da mulher com a religião, como estratégia de dominação típica do mundo masculino da época. Se por um lado ele exalta a mulher, por outro a enquadra numa relação em que se cobra uma educação muito forte e rígida e garante a ela as funções de mãe, de professora e de beata. O que de fato preocupa a sociedade de então são os avanços conquistados pelas mulheres que refletem transformações que, à luz da moral, são contidas pelo aparelho ideológico do catolicismo.

⁵ José de Mesquita. **Semeadoras da bondade**, p. 6.

⁶ HOBBSAWN, Eric. A nova mulher. In: _____. **A era dos impérios**. São Paulo: Paz e Terra, 2001. p. 271.

Os avanços sociais adquiridos pela mulher, enquanto ser social, incomodavam em muito os tradicionais detentores do poder, em todos os níveis. Mesquita parece trazer, como a maioria dos homens nascidos no século XIX, as histórias de cavaleiros dos poderes reinóis já em regime republicano. Parece ver com bastante reserva os direitos adquiridos pós-revolução francesa, embora “O que se lhe seguiu, o afamado século das luzes, arvorou em nome da sciencia os mais extravagantes princípios e, sob a capa de liberalismo, lançou o fermento da anarchia contemporânea, nas doutrinas mais absurdas e inexequíveis”. (MESQUITA, p.10)

Por trás de uma aparente democratização o que se percebia era o reforço do papel de pai; provedor e líder da célula mater da sociedade. Medicina e direito sendo duas profissões contempladas com cursos superiores no Brasil estão na base da formação político-social dos brasileiros. Toda a tradição positivista reinante na elite cultural e econômica encontrou, através dessas duas profissões, espaço para a perpetuação dos dispositivos de controle moral e social.

Falar, portanto, em educação feminina é lembrarmos que os papéis de homem (pai) e mulher (mãe) são estruturas a partir de um ordenamento familiar que tem uma função disciplinadora. A esse respeito, Jurandir Freire Costa nos lembra que a questão sexual e amorosa passa a ser vislumbrada como trunfo da medicina social a favor da construção de um estado sólido.

Os higienistas criaram normas rigorosas de seleção dos cônjuges, porém, em contrapartida, prometiam aos eleitos da “raça” deleites nunca antes experimentados. Como o direito de escolha individual do parceiro, em nome da fruição do sexo e do amor. (COSTA, 1926, p.226)

Quando falamos no papel da mulher na sociedade, e como isso parece agradar a Mesquita, estamos nos referindo à mulher da elite, aquela que ilustrava os salões com sua elegância. Observa-se a maneira pela qual ele a elas se dirige sempre com muito cuidado, lisonjeiro, sutil e delicado, que deixa transparecer um ar austero em seus princípios, observador atento que edifica seu discurso enaltecendo atitudes, sem necessariamente discutir o mérito de suas construções. É dessa maneira que Mesquita exalta o poder da crença e a atitude da mulher, uma vez que

Por assim pensardes, creastes, de par com a parte puramente religiosa, a secção social de vossos grêmios: o dahi ao lado dessa sympathica organização que se chama a obra dos tabernaculos onde as mais graciosas obreiras se desvelam no serviço dos altares, essa outra secção das damas de caridade, de vastíssima significação, no actual, generosamente no seio da pobreza, assim a guiza de doce orvalhada a rorejar do céu sobre o terreno ressequido. (MESQUITA, 1926, p.14)

A habilidade da oratória, somada ao suave trato com a construção narrativa faz de Mesquita um excelente tradutor da sociedade de uma época em que a mulher era vista como companheira sim, mas sem espaço para ampliar sua participação social, em qualquer atividade que não dissesse respeito ao lar, à escola e à Igreja católica. São muitas as referências em sua obra que dão margem a esse pensamento, como por exemplo: “Adivinho-a, efficiente cooperadora na evolução da raça, obscura e gloriosa tutriz de nossos destinos históricos, formando, nos alvéolos do lar, o favo mellifluo do exemplo de que se nutrem as novas gerações.” (MESQUITA, 1926, p.15).

Ao discutir o conceito de evolução da raça, Mesquita penetra em um terreno delicado, uma vez que ainda no início do século XX as teorias deterministas em curso ainda perpassam por certos procedimentos ligados à eugenia, apuro genético, questões que aparecem de maneira recorrente em seu texto. Construídos em forma de elogio, refletem a preocupação dominante e doutrinária do machismo arraigado na família brasileira, fruto de uma sociedade patriarcal, escravocrata e não afeita às lides democráticas, como a nossa da década de 20, do século passado. Aqui se torna nítida a influência dos pensadores do período, ligados ao IHGB, como por exemplo, Gilberto Freyre. José de Mesquita ainda frisa que “é preciso que cada um individualmente se convença dos males comuns a todos, dos males que provêm todos da mesma fonte, o desprezo às tradições e o abandono das leis de Deus.” (idem, *ibidem*, p.17)

Com relação aos aspectos marcadamente deterministas, é interessante observarmos como Sevcenko registra bem na obra máxima de Euclides da Cunha, questões similares:

Há contido ainda algo de absolutamente original na sua linguagem e no seu realismo, procedente em particular do seu estilo narrativo. Adepto modelar da filosofia estética de Spencer – vértice da sua obra - que impõe ‘ao poeta’ (...) a subordinação às leis naturais, Euclides da Cunha procedia a uma rigorosa seleção dentre os fatos reais, só elegendo para compor os seus textos aqueles que condensassem em si uma grande potencialidade como fenômenos sociais ou atuais. (SEVCENKO, 1983 , p. 134.)

A ligação de Euclides da Cunha ao IHGB demonstra uma unidade de sentido na construção histórica que, desde 1838, busca proceder a um encadeamento de propostas que visavam construir um panorama histórico representativo, desde a maioridade de Dom Pedro II, associando a sua imagem à de um mecenas, um grande impulsionador da arte e cultura nacional, se é que se pode pensar em estado nacional o que se consignou chamar de continuidade do estado português. Como contraponto à nossa civilização, cunhada no imperialismo luso, desenvolveu-se um raciocínio unilateral, para o qual

Na verdade, composto em sua maior parte, da “boa elite” da corte e de alguns literatos selecionados, que se encontravam sempre aos domingos e debatiam temas previamente escolhidos, o IHGB pretendia fundar a história do Brasil tomando como modelo uma história de vultos e grandes personagens sempre exaltados tal qual heróis nacionais. Criar uma historiografia para esse país tão recente, “não deixar mais ao gênio especulador dos estrangeiros a tarefa de escrever nossa história [...]”, eis nas palavras de Januário da Cunha Barbosa a meta dessa instituição, que pretendia estabelecer uma cronologia contínua e única, como parte da empresa que visava à própria “fundação da nacionalidade”. (SCHWARCZ, p.127)

A construção de elogios, opúsculos, narrativas encomiásticas e qualquer texto de caráter laudatório a “grandes” homens do período colonial e imperial brasileiro era apenas parte da tarefa a que se dispuseram cronistas como Varnhagen. Capistrano de Abreu ⁷, também serve de espelho para José de Mesquita, oferecendo outra visão para a historiografia nacional.

⁷ A esse respeito percebemos em José Carlos dos Reis: **As identidades do Brasil** – de Varnhagen a FHC , algumas particularidades. São palavras de REIS: Capistrano de Abreu, mais próximo de Varnhagen no tempo e no tipo de história, reconhece numerosos problemas na obra dele: em sua história do século XVIII, deixou a desejar; seu estilo tende mais à crônica, faltando-lhe a intuição, o espírito de conjunto, perdendo-se em acontecimentos irrelevantes; uniformizou a história do Brasil, tornando-a sempre igual, repetitiva, não percebendo o ritmo específico de cada época. (2003, p. 30.)

Mesmo sendo constituído à semelhança do instituto francês, como nos lembra Schwarcz, “A nação deveria surgir como o desdobramento de uma civilização branca e europeia nos trópicos, tarefa que exigia imensos esforços uma vez que a realidade brasileira era constituída de uma realidade muito diversa daquela que se tinha como modelo, a Europa”. (DHIEL, p.27-28)

Criado para perenizar o discurso oficial, escrever a história da nação, sob a batuta do império, o IGHB vinha a campo a fim de legitimar o império brasileiro na conquista de sua nacionalidade. A decadência do café e a ressaca da Guerra do Paraguai, com seus virulentos surtos, são vetores de uma inquietação nacional, caricaturizados por Machado de Assis em **Memórias póstumas de Brás Cubas**.

Em seu importante artigo intitulado **O Diálogo convergente: políticos e historiadores no início da República**, Maria de Lourdes Mônaco Janotti (2003, p.134) frisa que

Muitos trabalhos biográficos sobre figuras republicanas, embora trouxessem a público fontes, sobretudo oriundas de acervos particulares, adotaram a perspectiva dos republicanos paulistas e compuseram uma “galeria original de fundadores da República, na qual se encontram, lado a lado, ex-monarquistas, republicanos e dissidentes. Essa produção prende-se, em grande parte, a uma cultura histórico-política do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e de seus congêneres estaduais. (...) que se atém apenas aos aspectos mais aparentes dos acontecimentos políticos.

Em nome da tradição, de Deus e posteriormente do Estado Novo, o discurso de Mesquita vai abstraindo da formação da mulher todos os elementos passíveis de crítica. O autor enfeixa o assunto dizendo que a escola deve ser apenas o prolongamento do lar, retirando da pauta, da agenda social da instituição escolar qualquer aspecto renovador/contestador da ordem estabelecida pela sociedade tradicional: às sementeiras da bondade só resta seguir a trilha dominada pelo homem, do qual será eternamente uma sombra, notabilizada pela máxima recorrente até os dias de hoje: *por trás de um grande homem sempre há uma grande mulher*.

Mesquita parece crer que a vocação da mulher para as coisas do coração é a grande função no meio social, e parece acreditar que nesse papel ela se encontra de fato. É bom lembrar que a relação do mestre com o espírito feminino vem de antes e, que ele, ao voltar de São Paulo, antes mesmo de viver profissionalmente da advocacia, fora professor de língua portuguesa na Escola Normal, tempos em que obrigatoriamente um licenciado nas ciências jurídicas dominava amplamente a língua pátria.

Como porta-voz do movimento grevista de 1917, o deputado Maurício de Lacerda, a título de resolver o problema do trabalho noturno feminino, por exemplo, constrói um discurso em torno do *bem-estar da família*. A preocupação com a licença maternidade sem perda de função ou salário, também deixa clara a sua preocupação com a configuração da família de então.

Em meio ao ineditismo de Chiquinha Gonzaga e o desprendimento de Carmem Miranda, observamos a missão feminina nos primeiros anos do século passado; lembrada diversas vezes em textos doutrinários, mas é em **Sementeiras do futuro** que o autor busca projetar nas formandas de 1929 o ideário cristão dos ensinamentos divinos e a preocupação de se preservar a moral e os bons costumes.

2.3. O iluminismo por um fio

Na busca de elementos que me permitam convergir aspectos da linguagem de Mesquita e Michelet encontro relações de similitude, sobretudo no que diz respeito à mulher, à donzela, às moçoilas que poderiam muito bem ser personificadas nas normalistas da Cuiabá do início

do século XX. Penso que a reconstrução de caráter medievalista do historiador da Revolução Francesa passa por uma preocupação muito grande em reconstruir o universo de opressão pelo qual passara a mulher européia.

Toda a amplitude humanista de Jules Michelet pode ser averiguada através de dados biográficos e sua bibliografia. Aquele que se orgulhava de ser auxiliar de tipógrafo, como o fora nosso grande Machado de Assis, outra forte influência mesquiteana, deixou livros que se notabilizaram pelo caráter liberal.

A ligação que buscamos estabelecer entre os distintivos traços culturais de Mesquita e Michelet escora-se em combinações de aspectos estruturais de conformação social, a partir do projeto hegemônico de um estado burguês. Mesquita atribuía o prestígio feminino a três fatores, a saber: a graça, a virtude e a inteligência. Três facetas de um ser que, entre a graça e a beleza, se nutre de afetividades e repassa, em forma de conhecimento todo esse frescor.

Notae bem que não digo belleza ou formosura, e sim graça, que é muito mais do que simples ornatos *physicos*, *eurythmia* de fôrmas, efeitos de plástica que se aferem nos concursos galvestonianos pelas fichas *anthropometricas*. (MESQUITA, 1926, p.7)

É interessante perceber que o texto mesquiteano nos oferece inúmeras informações para desenhar a sociedade da época, com seus usos e costumes, hábitos e vícios, tendências de comportamento captadas pelo autor e oferecidas ao leitor que tem condições de avaliar as atitudes da época. Principalmente no que diz respeito a tabus e preconceitos

Ao estabelecer a importância da religião para qualquer classe social, dialogar com a tradição, compreendê-la como necessidade social e estabelecer relações com a política, Mesquita edifica seu construto teórico de maneira dogmática, até por que

Si a religião é necessária aos ricos e poderosos, para que refreiem suas paixões incontidas, muito e muito mais ella se faz mister aos pequenos, aos pobres, que nella encontrarão conforto e balsamo ás agruras da vida. (MESQUITA, 1926, p. 10)

A prática da resignação, construída na relação pouco dialética cristão/cristianizador, encontra na verve dogmática de Mesquita um amplo espaço para se desenvolver. É nesse solo fecundo que, tratando de uma nova classe que surge das transformações sociais decorrentes da decadência da monocultura cafeeira, ele alerta que

São os amigos-ursos do operariado, todos os revolucionários desde os de 1789 até os de hoje, que tem a biblia no “Contratto Social” de Rousseau ou no “Capital” de C. Marx, todos esses que pregam abertamente, á face dos governos que o toleram, a destruição da ordem social... (MESQUITA, 1926, p.11).

A generalização de Mesquita com relação a Rousseau e Marx parece um pouco superficial. Chamando as obras máximas do liberal e do comunista de verdadeiros libelos da tradição anti-cristã, blasonados de **Bíblia**, ou livro-base sobre o qual se edificam novos conceitos de ordenamento social, o Desembargador se mostra pouco afeito a redimensionamentos no *corpus* de qualquer sociedade. O caráter doutrinário do texto **Pela boa causa**⁸ surge como um sofisma que busca revestir de uma amplitude cristã o mito

⁸ Conjunto de leituras católicas publicadas com aprovação da autoridade eclesiástica. 4 Conferências pronunciadas em Cuiabá, versando sobre múltiplos aspectos da sociedade. São elas: 1 – A religião e o operariado; 2 – Religião e tradicionalismo; 3 – a religião: necessidade social e 4 – Religião e política.

fundador de uma sociedade que se pretende mais justa a partir de uma ressurreição de preceitos da escolástica enterrados há quatrocentos anos.

Algo semelhante aparece em Rousseau, segundo Barros (1996, p.140), uma vez que

Rousseau rejeita o estado histórico à medida que, neste estado, se instaurou a desigualdade entre os homens, iguais por natureza; rejeita-o à medida que neste estado o homem é artífice do mal e vive em estado de queda, contrariando a sua própria natureza (...) A desigualdade instaurou-se entre os homens em razão da propriedade privada, que dividiu a sociedade, sucessivamente, entre ricos e pobres, fracos e fortes, senhores e escravos, numa progressão que levou a uma negação da própria vida social organizada.

Segundo Mesquita, substituída a razão pelo arbítrio, a ordem do espírito pelo instinto da animalidade mais grosseira o ser humano marcha para a decadência da espécie, enfrenta a moral e os bons costumes que afrontam a sociedade mato-grossense, e, por conseguinte, a brasileira. Se a tradição é também uma invenção⁹ e José de Mesquita se coloca a favor dessa continuidade, tudo o que venha a romper com esse ideário é visto com pouca afeição.

Aqui, toda a doutrina e o dogmatismo cristãos falam mais altos. É o momento em que o engajamento cristão se sobrepõe na formatação do discurso. Com a contundência desse discurso, a sociedade civil organizada em torno desse processo civilizatório redimensionou seu foco. Em termos de Brasil, o que se chama de civilização derivou da soma das três matrizes étnicas de nossa população, bem como da gloriosa contribuição do imigrante.

Operou-se nesse conglomerado de raças, um como processo de seleção mental, fazendo que preponderasse o catholicismo do luzo e do bandeirante, - dois typos de raça superior, colonizadores e aventureiros sobre a mescla da grosseira superstição do africano e a theogonia primitiva do indígena. (MESQUITA, 1937, p.38)

A utilização da palavra seleção, por José de Mesquita, implica em uma derivação do pensamento de Darwin. A analogia proposta rechaça a subjetividade de cada um, engessada por uma doutrina que se pretende espiritualista, que despreza o desconhecido, a busca, a experimentação, conquistas pós-Revolução Francesa. Para Mesquita, o estandarte anti-comunista é a panacéia capaz de diluir maus hábitos, desmembrar grupos dissidentes dessa política de exclusão

enquanto o coração do homem for esse amalgama incompreensível de ânsias pelo infinito e nostalgia da lama de que foi feito, esse revoar pelo azul e esse rastejar pelas trevas – digam o que quiserem os racionalistas á Comte e os partidários do atheísmo official, á Lenine e Staline.. (MESQUITA, 1937, p. 71)

Em nome do cristianismo Mesquita dispara sua metralhadora giratória para todos os lados; darwinismo, positivismo e materialismo são alvejados por sua retórica que capta do autor da **Origem das espécies** o conceito de homem, enquanto animal social:

⁹ Segundo Eric Hobsbawn, (2002) por *tradição inventada* entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente; uma continuidade em relação ao passado.

Não deve haver quem não admita que o homem é um ser social. Vemos isso na sua aversão pela solidão e no seu desejo pela inserção na sociedade, além de sua família (...) na verdade, os instintos sociais nunca se estendem a todos os indivíduos da mesma espécie. (DARWIN, 1974, p.133)

Dom Aquino conquista no Brasil, o que talvez nenhum outro homem com formação teológica o conseguiu no mundo moderno e republicano: ser chefe de estado. E por conta disso contribuiu para a criação do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, e do Centro de Letras, comandado por Mesquita em quarenta anos, embora tivesse Dom Aquino como presidente de honra, e vários empreendimentos de caráter filantrópico e associativo. O governo do bispo termina em 1922, ano em que a arte brasileira experimenta uma catarse.

A doutrina de Mesquita encontra respaldo no pensamento determinista de Hypolite Taine, embora possamos perceber que, como pessoa ilustrada que era, o (futuro) Desembargador demonstrava erudição, difícil de encontrar mesmo em homens de seu tempo. Sem dúvida, é bom lembrarmos que:

São de Taine, o grande historiador da revolução francesa, e de uma insuspeição a toda prova, os seguintes conceitos que parecem escritos para a hora presente “somente o christianismo pôde reter o declive fatal, impedindo o resvalamento insensível pelo qual, com todo o seu peso insensível pelo qual, com todo o seu peso original, a nossa raça retrocede para o abysmo: o velho evangelho – qualquer que seja a sua forma presente é, ainda hoje, o melhor auxílio do instinto social (MESQUITA, 1937, p.90-1)

2.4. Machado / Mesquita: imagem real e invertida

Percorrendo alguns perfis femininos do bruxo do Cosme Velho, Mesquita produz um ensaio em que desfila características de algumas belas criações machadianas. **De Lívia e Dona Carmo (1939)** é um estudo que alcança algumas das principais personagens femininas de Machado de Assis.

A leitura de textos como esse penso que traz a certeza da conjunção estética e conteudística na narrativa machadiana. A respeito de Yayá Garcia, “Outras das heroínas da primeira phase machadiana era leve, ágil, súbita – com um pouco de destimidez; às vezes áspera, mas dotada de um espírito ondulante, esguio e não incapaz de reflexão e tenacidade.” (MESQUITA, 1939, p.22)

Lívia é personagem de **Ressureição**, Yayá Garcia tem o próprio nome como título de obra, Capitulina de **Dom Casmurro** e Dona Carmo, do **Memorial de Aires**, são as musas de Machado contempladas por Mesquita nesse trabalho. A maneira como Machado escrevia encantava ao jovem Mesquita que logrou êxito em reproduzir no Mato Grosso o estilo machadiano com relação à Academia Mato-grossense de Letras, a exemplo do mestre na Academia Brasileira.

A relação Mesquita/Machado está repleta de significações, a começar pela estreita relação com a reflexão de Machado de Assis sobre o Brasil (pós) Guerra do Paraguai, a decadência de 1870, marco do romance e da produção ensaística de Mesquita.¹⁰ A visão que Machado de Assis constrói para Brás Cubas, em **Memórias póstumas**, delineia um cenário nacional para a problemática regional.

¹⁰ Referimo-nos aqui aos *crimes célebres* retratados por José de Mesquita e que são relativos a desdobramentos do fim da guerra e a relação que têm com o aumento da criminalidade em Cuiabá.

Talvez com Capitulina, popularmente conhecida como Capitu, a menina que, segundo Bentinho, trazia a ressaca nos olhos, possa demarcar melhor o tipo de prosa que agradava a Mesquita, e que de certa forma aparece em alguns de seus contos. O livro **Dom Casmurro** é marcante para discussões como celibato, vocação religiosa e outras práticas culturais pertinentes ao período. A questão do pecado original, por exemplo, torna-se por excelência uma representação marcante na obra mesquiteana. Tratando-a como *alliciante*, Mesquita (1936, p. 31) diz que, com ela, “O romancista encarnou, melhor do que em nenhuma outra das suas criações, a Eva diabólica e tentadora, trazendo do berço o estigma da sedução; aquele poder irresistível dos seus olhos de ressaca”

A relação Mesquita/Machado apresenta traços de uma tentativa de aproximação estética.¹¹ Machado de Assis, recentemente tem sido aclamado por uma fração da crítica como historiador¹², o que aproxima mais ainda os dois. Assim como em Machado se vê a urbanização do Rio de Janeiro, a mudança dos lampiões para a energia elétrica, a passagem do túburi para o bonde, a reforma Pereira Passos, pode-se observar em Mesquita semelhantes relações.¹³

Alfredo Bosi, em **O Tempo e os tempos** (1997, p.25) nos lembra que em **Memórias póstumas de Brás Cubas** a representação exemplar da oposição ao romantismo está colocada. Promovendo a descaracterização do sujeito, expondo à nudez os caprichos da sociedade, consegue arquitetar bem o seu foco: “Leopardi e Schopenhauer, Stendhal e Machado são psicólogos que intuíram a precariedade do sujeito literalmente arrastado pelo redemoinho das suas motivações.”

No já citado artigo intitulado **A religião e o operariado**, Mesquita (1937, p.26) nos coloca o seguinte questionamento: “De que melhor armas podemos pretender se lance mão contra a propaganda infiltrada das doutrinas corrosivas, do que a instrução?”

Pensar a organização da escola a partir do que se convencionava chamar de instrução, e não de educação, é aproximar o processo de formação escolar da rigidez da estrutura militar. Mais uma vez nos surge aqui a sombra de Dom Aquino. Civismo e religiosidade, suas grandes características aparecem de maneira reiterada na poligrafia mesquiteana.

O projeto educacional em curso no início do século XX, sob a coordenação de José Veríssimo, traz em seu bojo o que o regime republicano trata como metodologia e estratégia de formação política. É para essa escola modeladora do pensamento republicano nacional que Mesquita escreve *Professoras Novas para um Mundo Novo*, discurso paraninfal proferido durante a colação de grau, às professoras do Liceu campo-grandense, a três de dezembro de 1939.

As características marcantes da mulher, que são reproduzidas nos textos analisados trazem sempre a confirmação do estereótipo de mulher submissa, servil, cristã, capaz de imprimir sua forte marca de alteridade

¹¹ Não se tem notícia de que José de Mesquita fosse afeito a especulações sobre a vida alheia, e suas personagens principais com maior vigor eram do sexo feminino. É interessante pensarmos a obra de Mesquita como emblemática no sentido de conter na poesia toda uma gama de versos de fundo romântico e estética parnasiana, e ao mesmo tempo contos em que a mulher sai do mundo idealizado e mostra-se lasciva, animalizada, bestial, como o conto **Corá**, publicado inicialmente em 1932 na **Revista Nova** de São Paulo.

¹² Muitas publicações dão conta dessa faceta do escritor, sobretudo a recente publicação de Sidney Challoub, intitulada **Machado de Assis historiador**; São Paulo: Cia. das Letras, 2003.

¹³ *A Catedral, a Igreja do Bom Despacho, o rio Coxipó, a região do Guaporé, hoje Rondônia*, área em que Mesquita trabalhou por algum tempo, o Véu de Noiva, enfim, inúmeros logradouros imortalizados pela sua pena têm sido descobertos lentamente por leitores que buscam suas obras nas prateleiras empoeiradas de algumas bibliotecas. A obra de Mesquita já faz por merecer uma publicação póstuma, até hoje realizada apenas com a publicação de gente e coisas de antanho, *Genealogia Mato-grossense/Nobiliário Mato-grossense* – ver bibliografia.

Mas para isso há que entrar blindada de aço da sua resistência moral, armada como a clássica Minerva, da sua couraça da inteligência, e, ao mesmo tempo, aureolada, como as madonas da nossa crença, desse halo sobrenatural da virtude, que é força, e de graça, - que é beleza. Só assim a mulher realiza o verdadeiro sentido do feminismo. (MESQUITA, 1940, p. 6-7)

A presença da religiosidade na obra de Mesquita é bastante evidente. Suas críticas, quando surgem, por mais racionais que sejam, vêm sempre carregadas de forte emoção e apelo ao divino, cujo culto sagrado, superior.

É incrível a atualidade com que esse fragmento, em que recomenda às professoras nesse porvir que se abre dialoga com a realidade profissional de hoje. O presente Texto foi escrito em 1939, ano em que o Desembargador assume o posto de correspondente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

A necessidade que Mesquita aparenta ter com relação ao enquadramento moral e religioso aproxima-o muito da escrita de Austregésilo de Athayde e Jackson de Figueiredo, artífices cristãos que, com zelo exagerado para com a sua crença, em detrimento de outras, transparece de maneira clara.

Para Mesquita (1940, p.10), nesses tempos modernos a mulher tem que se voltar para os valores da família e da pátria, preservar os bons costumes, pois se assim for ela salvará o mundo, *dês que se disponha a ser Maria e não Eva*. Em sua visão,

À mulher moderna está destinada essa grande missão de orientar o mundo moderno para a salvação que é, mesmo abstraindo do sentido místico, guardar intacto o melhor do seu ser. Ah! Minhas afilhadas, se soubesseis – mas vós, por certo o sabeis, se imaginásseis – e, seguro, o imagineis – a força, o prestígio, a autoridade que tem a mulher, quando norteada para o bem do homem, lhe sabe ter amparo, confidente e encaminhadora da vida! Só lhe encontro paralelo no império fatal que ela sabe ter quando fascina para o mal e o arrasta, nos seus coleios serpentinos, para o abismo dos abismos (MESQUITA, 1940, p.11)

Essa mulher, mãe e professora, é uma mulher branca, estereótipo de classe dominante e que não passa de um construto forjado para desqualificar quem não tivesse esses predicados. Como se a negra, ou mesmo a pobre, de uma maneira geral (e aqui são quase sinônimos) fossem seres inferiores.

Promover uma nova representação simbólica da mulher, casta e pura, em oposição à imagem sombria, estigmatizada e degenerada da prostituta, constituiu peça fundamental da estratégia burguesa de redefinição das relações intrafamiliares, tanto nos meios sociais privilegiados quanto nos mais desfavorecidos. (...) Mulheres, ricas ou pobres, invadem o cenário social, participando cada vez mais intensamente das solicitações de trabalho e lazer, de uma nova vida urbana, chama a atenção a emergência de todo um discurso altamente moralista, que, partindo de vários pontos do social, designa o espaço da vida privada como o campo privilegiado de atuação da mulher. (RAGO, 1985, p.222)

Essa visão em que Mesquita atribui à mulher, em sua porção malvada, uma imagem de serpente aparece em parte de sua obra, quer seja de caráter jornalístico e historiográfico, como também a ficcional, em prosa e em verso.

A construção discursiva de Mesquita que coloca a mulher em uma situação de inferioridade edifica-se em dois pilares antagônicos, Maria e Eva. O primeiro, como a redenção das boas almas, caridosas e positivas, que proclamam gestos de boa vontade, ao passo que o outro, encontra-se diametralmente oposto, sob as bandeiras da lascívia e do pecado. A construção está presente em contos e romances do autor de **Dom Casmurro** que constrói um cenário do qual emergem personagens que deixam aflorar aspectos da condição humana que reinam em torno da própria complexidade da existência.

É verdade que MESQUITA não consegue retratar a sociedade de uma maneira tão crua como o *bruxo do Cosme Velho*, até porque o seu lugar social não permitiria. José de Mesquita está amarrado ao factual, às datas, como bom adorador das efemérides.

Uma maneira de contar a história prendendo-se a fatos, datas, tudo o que seja quantificável nos leva até o caminho traçado por muitos historiadores. Marc Ferro nos lembra que “... essa história determinista, linear, irreversível e regida por leis, tipicamente marxista, eliminava os grandes homens e os acontecimentos, as datas também” (FERRO, 1985, p.18)

Essas transformações acabaram gerando controvérsias com a expansão do novo mundo. A visão eurocêntrica tida como verdade única vê-se refém de uma vulgarização civilizatória que gera certa inversão conceitual. É ainda Ferro (1985, p.26) quem afirma que:

Designando originalmente o que era polido, civil, o termo opôs-se, posteriormente, ao que era bárbaro – para os europeus, especialmente os ‘bons selvagens’ da América. Durante muito tempo em competição com o termo ‘kultur’, acabou por designar os aspectos materiais, inferiores da cultura; contudo, no século XX, com o início do questionamento do eurocentrismo, ocorreram um novo retorno e uma nova mudança, as civilizações passando para o plural e o tempo não sendo mais reservado a uma única sociedade.

José de Mesquita escreve para registrar uma visão canônica da história. A sua verdade legítima a ocupação do espaço do saber pelos que dominam o conhecimento. Seu cânone gira em torno de uma profusão de idéias capazes de reproduzir forças políticas nos embates. O lugar social de Mesquita é a representação institucional de uma suposta verdade, construto que procura não colocar o preto no branco, no sentido conotativo, e sim tapar os pontos escuros com a pátina do silêncio, já que, como diria Ferro (1985, p.37) *esses silêncios sobre as origens, assim como todos os silêncios ligados à legitimidade, são garantidos pela própria força das instituições.*

Referências bibliográficas:

- BARROS, Gilda Naécia Maciel de. **Platão, Rousseau e o Estado Total**. São Paulo: T. A. Queiroz. 1996.
- BOSI, Alfredo. O tempo e os tempos. In: ----- **Tempo e história**. São Paulo: Companhia das Letras. 1997.
- COSTA, Jurandir Freire. **Ordem médica e norma familiar**. São Paulo: GRAAL. 1999.
- DARWIN, CH. **A origem do homem e a seleção natural**. São Paulo: HEMUS.1974.
- DIHEL, Astor A.. **A cultura historiográfica brasileira**. Passo Fundo: EDUPF. 1998.
- FERRO, Marc. **A história vigiada**. São Paulo: Martins Fontes. 1985.
- HOBSBAWN, Eric. **A era dos impérios**. São Paulo: Paz e Terra. 2001.
- _____ e RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. São Paulo: Paz e Terra.2002.
- JANOTTI, M.de L.Mônaco. O diálogo convergente: políticos e historiadores no início da república. In: ----- **Historiografia brasileira em perspectiva**. São Paulo: Contexto. 2003.

- MENDONÇA, Rubens de. **Sátira na política de Mato Grosso**. Cuiabá: Edições do Meio. 1978.
- MESQUITA, José de. **Semeadoras da bondade**. Cuiabá: Salesianas.1926.
- _____ **Pela boa causa**. Niterói: Salesianas.1937.
- _____ **Professoras novas para um Mundo Novo**. Cuiabá: Salesianas. 1940.
- MICHELET, Jules. **A feitceira**. São Paulo: Círculo do Livro. 1991.
- RAGO, M. De Eva a santa, a dessexualização da mulher no Brasil. In: **Recordar Foucault**. São Paulo: Brasiliense.1985
- REIS, José Carlos dos. **As identidades do Brasil** – de Varnhagen a FHC. 6ªed. Rio de Janeiro: EGV. 2003.
- Lilian Moritz. **As barbas do Imperador**. São Paulo: Companhia das Letras. 1999.
- SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão**. São Paulo: Brasiliense. 1983.